

BLOGS NA ESCOLA: UMA ALTERNATIVA

Carmen Pimentel (UERJ)
carmenpimentel00@gmail.com

A escola é um espaço de produção de conhecimento por excelência. Tal produção utiliza a língua escrita como modalidade prioritária de registro, por meio de trabalhos escolares, redações, pesquisas. Entretanto, o registro escrito produzido na escola muitas vezes se limita à leitura por apenas uma pessoa: o professor, que o analisa, avalia e devolve ao estudante que, por sua vez, arquiva ou descarta o trabalho. Enfim, não é divulgado ou socializado, não é compartilhado entre outros leitores, não exerce a função social a que um texto escrito se destina.

A escola também é espaço de diálogo. Na concepção bakhtiniana, o diálogo se relaciona tanto à linguagem quanto à comunicação, por sua característica reflexiva. O diálogo é alternância entre enunciados, entre sujeitos falantes, geralmente de posicionamentos diferentes. Pode-se, portanto, compreender a palavra diálogo “não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja” (BAKHTIN, 1979, p. 109).

O diálogo na escola tem significado de troca de informação, troca de conhecimento, ou seja, de comunicação. No trabalho escolar ou na redação, o diálogo também está presente, mas de maneira reduzida e unilateral: o aluno produz, o professor critica, e não há direito à réplica.

O uso de computadores na educação possibilita novas formas de interação, de diálogo ampliado entre professor e aluno, entre aluno e aluno, entre professor, aluno e mundo. Os recursos do meio digital favorecem o exercício da argumentação e a explicitação do ponto de vista, quando muitas vezes a sala de aula não oferece oportunidade para isso.

Por outro lado, como a escola é também o espaço de ensino da língua padrão, da língua de prestígio, aproveitar as ferramentas digitais para desenvolver habilidades de escrita de acordo com a

norma é recurso imprescindível e atual para a educação. Os estudantes já dominam a tecnologia e a utilizam em seu dia a dia para os mais variados fins. Por que, então, não trazê-la para o ambiente escolar?

1. A escola na rede de computadores

Muitos professores, educadores e pais se questionam a respeito da juventude que lê e escreve muito pouco, não estuda mais, pois “eles vivem na Internet”. Observando a Internet, percebe-se que é estruturada basicamente com texto escrito. E, quem escreve tantos textos assim? São páginas pessoais, *blogs, chats, orkut, e-mails, twitter*, enfim, um apanhado de material escrito produzido por pessoas de todas as idades e, portanto, por jovens também.

A partir de tal observação, surge o questionamento: jovens não produzem mais textos hoje em dia como antigamente? Jovens leem pouco? Que relação mantêm com os estudos, com o conhecimento? Qualquer tempo gasto navegando na Internet inclui muita leitura e, possivelmente, muita escrita, além de contato intensivo com a informação. Como a Internet, então, contribui para expandir hábitos de leitura e escrita nos jovens? Que leitura e que escrita são essas? As informações se transformam em conhecimento?

O computador tem papel auxiliar no desenvolvimento da autonomia e da criatividade, no trabalho cooperativo, na interdisciplinaridade, na troca de informações e, principalmente, na comunicação. À medida que as redes de computadores crescem e que o volume de informações aumenta, desenvolvem-se novas ferramentas para facilitar o acesso e a localização dos dados disponíveis. Ao uso desses recursos chamamos “navegar na Internet”.

O ambiente de rede configura-se como um meio para promover cooperação, descobertas e transformações mediante a integração de pessoas conectadas à rede, favorecendo a construção de uma prática social com condições de ativar os mecanismos cognitivos e promover o processo de aprendizagem, resultando na construção de um método de organização e análise de dados.

O que mais chama a atenção, entretanto, é o intenso uso da escrita nos meios eletrônicos. Uma escrita com características específicas, próprias, uma escrita contemporânea, jovem. Mourão (2003) afirma que “a literatura gerada por computador é uma literatura do fluxo, do instantâneo, do móvel, do universal, do interativo. A informática põe em causa, sobretudo, a componente material do signo (...) confere ao texto informático características que não apresenta em nenhum outro suporte”. Das diversas formas de escrita que existem na Internet, a do *blog* merece especial atenção por ser, hoje em dia, bastante utilizado por milhares de jovens e adultos do mundo inteiro.

2. Comunidades virtuais

Com o advento do *blog*, em 1999, milhares de pessoas de diferentes partes do mundo passaram a se valer da Internet para se expressar. O *blog* é um recurso predominantemente textual que revolucionou as práticas de escrita e de leitura entre os jovens. Além disso, oferece possibilidades de relacionamento entre escritores e leitores, criando um ambiente interativo – uma comunidade virtual. As comunidades virtuais reúnem pessoas de diferentes lugares e culturas para discutirem assuntos de interesse comum.

Para Marcuschi (2004, p. 22), “uma comunidade é uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade, partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradouras”. Se transferirmos essa definição para o ambiente dos *blogs*, teremos como membros os usuários (autor e leitores), a produção é o próprio texto escrito coletivamente, e, como os *blogs* estão na Internet desde o final dos anos 90, já poderíamos considerá-los duradouros.

As comunidades virtuais criaram novas formas de sociabilidade em que está presente a sensação de pertencimento. O ambiente virtual torna-se local de interação social. Os relacionamentos constituídos no ciberespaço ganharam dimensão não só sociais como também de produção e de pesquisa na ciência, na medicina, na educação, no jornalismo, enfim, gerando uma rede de comunicação ampla e irrestrita. Hoje em dia, não se concebe mais o ato comunicativo so-

mente interpessoal, passou a existir também na forma virtual com as redes de computadores.

Dessa forma, a cultura contemporânea passou a caracterizar-se pelo uso crescente de tecnologias digitais, criando uma nova relação entre a tecnologia e a vida social e, ao mesmo tempo, proporcionando o surgimento de novas formas de agregação social, com práticas culturais específicas, constituindo a chamada cibercultura, marcada pelas comunidades virtuais.

3. *Comunidades linguísticas*

Uma pessoa, ao se inserir em comunidades virtuais, busca traços de identificação e não uma identidade única. Assim, um mesmo indivíduo participa de diversas comunidades, dependendo do seu grau de interesse, adotando “variadas identidades”. Em uma, procura a temática; em outra, amizade; em outra ainda, informação. As características pertinentes a cada uma das comunidades virtuais farão com que o participante se identifique com elas, adaptando-se a elas.

Em torno dos *blogs*, também são constituídas comunidades virtuais. Os jovens que deles participam criam pequenos grupos por conta de temáticas específicas, compartilham interesses comuns e desenvolvem características específicas. Dentre essas características, destacam-se as marcas linguísticas.

Adolescentes com acesso à Internet buscam uma forma peculiar de expressar seus sentimentos e de trocar ideias com seus pares, criando uma variação linguística que se estruture como marca do grupo, entretanto, sem perda do padrão da sintaxe da língua, o que não inviabiliza de todo o entendimento entre comunidades distintas (por exemplo: usuários de *blogs* diferentes ou participantes temporários).

É nesse sentido, de comunidade com permanência temporal, vínculo afetivo e interesses compartilhados, que surge uma linguagem comum como motivação para que o grupo continue a se “encontrar” com intensidade e continuidade: uma espécie de pacto, a criação do dialeto como uma marca.

Pode-se considerar uma comunidade linguística como um grupo que cria seu próprio dialeto e o regula dentro de sua comunidade virtual. A língua se vincula às situações de uso dos falantes daquele grupo, que atribuem sentido a suas criações linguísticas, de acordo com seus papéis sociais e ideológicos.

A existência de uma comunidade virtual em *blogs* se constitui pelos comentários dos leitores. Frequentemente os *blogs* são encontrados pelos leitores com auxílio de ferramentas de busca (Google, por exemplo). Parte-se de uma palavra-chave da temática de interesse para chegar a *blogs* que tratam do assunto. O leitor aprecia a leitura e passa a fazer parte da comunidade do *blog*, formando uma rede de comunicação.

4. Os blogs na educação

Aproveitando essa característica de formação de comunidade, utilizar os *blogs* como recurso auxiliar na produção escolar ganha proporções consideráveis hoje em dia. Muitos educadores já fazem uso da ferramenta, complementando suas aulas.

A rede amplia os recursos da sala de aula, pois a torna ligada a todas as partes do mundo, enriquecendo as várias áreas do conhecimento. Lévy (1993) diz que a Internet é a maior rede mundial de computadores existente. Ela interconecta pessoas para os mais variados fins e contribui para ampliar e democratizar o acesso à informação. Seu uso permite disseminar experiências e conhecimento sobre as mais variadas áreas de estudo, entre milhões de usuários espalhados por todos os continentes.

Existem vários tipos de *blogs*: dos artísticos aos jornalísticos, dos literários aos educacionais. Os *blogs*, como ferramenta pedagógica, auxiliam nas aulas de diferentes disciplinas, principalmente por seu caráter interativo e veiculador da língua escrita. Devido às suas características – atualização frequente; facilidade de utilização; publicação de textos sem limite de tamanho; armazenamento de várias versões; interatividade (para cada texto publicado há espaço para comentários de outras pessoas); disponibilidade para todos (livro aberto), entre outras – os *blogs* são utilizados no contexto educacional, permitindo a troca entre grupos, a organização de conteúdos, o

exercício da argumentação, a participação de vários alunos sem restrições (timidez, limite de tempo, número de alunos), a elaboração de projetos com acréscimo de diferentes mídias, entre outras possibilidades.

A principal função da escola é ensinar o aluno a pensar, refletir e criar com autonomia. Usando o computador como ferramenta auxiliar no processo de desenvolvimento cognitivo, os educadores passam a dispor de uma gama de estímulos que levarão os alunos ao pensamento crítico, com maior poder de decisão para solucionar problemas.

O uso da rede favorece o desenvolvimento de habilidades para se comunicar, para cooperar, coordenar e trabalhar, permitindo a definição e redefinição permanente dos conteúdos em questão. Para Fagundes (1992), facilita ainda a vivência do trabalho em grupo na busca da solução do problema proposto, considerando e reconhecendo a experiência e o conhecimento de cada um para gerar um saber coletivo. A partir de diferentes pontos de vista, as trocas qualitativas de pensamentos, de ideias e de representações concedem espaço para situações de desequilíbrio das estruturas de apreensão do real, beneficiando o aprendizado.

Na troca de mensagens escritas, surge um ambiente que favorece situações de comunicação com produção real de significação. O trabalho escolar ganha contexto; a linguagem é constantemente elaborada, estruturada e reavaliada, porque existe motivação para produzir. Na troca de correspondências, informações, experiências, o conhecimento passa a significar mais para o aluno, pois ele não está escrevendo *mais um trabalho*, mas se comunicando com alguém.

Como a escola é espaço de produção de conhecimento e tal produção requer registro, o uso da tecnologia permite um registro “divulgado”, distribuído, amplificado, aproveitado. Institui-se um debate circular, não mais unilateral, em que o autor (aluno ou professor) publica seu texto para leitores variados (alunos ou professores) que criticam e complementam, dando significado à produção.

Outra característica é o imediatismo, pois tão logo se publica algo em um *blog*, inicia-se o sistema de comentários e respostas e, ainda, a participação ativa. O *blog* também proporciona a oportuni-

dade de discutir temas iniciados em sala de aula, para complementá-los, pensando sobre o assunto, e respondendo, o que induz uma maior participação de todos os estudantes.

Como o *blog* é construído em hipertexto, novos processos cognitivos e relações discursivas com a leitura são desenvolvidos. A opção de ler um pouco, de ler tudo, de copiar e colar, de lincar outros textos, ou seja, a relação com o texto no suporte digital traz novas maneiras de ler: leitura de menus, de ícones, de links, entre outros. Seria o que Marcuschi (2004, p. 19) considera como *discurso eletrônico* (ou comunicação mediada por computador) ou “modos sociais de interagir linguisticamente”.

Os *blogs* incitam a autoria e a publicação on-line de conteúdo construído pelos alunos, pois são canais de expressão e comunicação que promovem o contato entre pessoas com interesses comuns. Poder editar e interferir em conteúdos, expondo a própria opinião, são atrativos para a construção do conhecimento.

A quantidade de informações a que são expostos os jovens diariamente, enquanto ficam horas diante de um computador navegando pela Internet, ou ao assistirem à televisão, ou ainda pelo rádio, vídeo, revistas, livros, não se compara ao que eram acostumados os estudantes de algumas décadas atrás. Atualmente, os alunos que chegam às escolas carregam uma bagagem infinitamente maior que aquela trazida pelos alunos de outrora. Para acompanhar essa revolução tecnológica dos últimos tempos, a escola não hesitou em adquirir o instrumental mais moderno para atualizar o espaço educacional. Entretanto, o mais avançado retroprojeto do mercado, o DVD, ou ainda o computador de última geração de nada adiantam se o sistema continua o mesmo do passado. Muitas tecnologias vêm-se desenvolvendo para facilitar a aula do professor, mas pouca mudança em termos de paradigmas educacionais, de fato, ocorre.

Em educação *on-line*, o ambiente virtual de comunicação precisa necessariamente romper com a lógica unidirecional das aulas tradicionais para que haja mudança qualitativa no processo de aprendizagem. Nesse sentido, o uso de *blogs* ganha destaque, pois eles conseguem assimilar diferentes recursos e conquistar a participação dos alunos. A escola se torna, assim, uma escola-autora.

5. *Considerações finais*

O exercício diário de escrever um *blog* requer maturidade. Apresentar conteúdo novo e motivador a cada *post* não é tarefa fácil. Somente aqueles que realmente gostam de escrever e de ler se aventuram na continuidade exigida pelo suporte. A escrita de *blogs* demanda mais energia, pois envolve o outro, envolve aprovação e aceitação.

Os jovens leem e escrevem mais. Provavelmente não leem tantos livros quanto os jovens das gerações passadas. Preferem os textos curtos e rápidos da Internet e sentem prazer ao produzir seus próprios textos. Não seria o caso de os educadores repensarmos a metodologia de ensino e buscarmos alternativas que atraiam os jovens para as leituras literárias, mais longas e aprofundadas, aliando-as às tecnologias que aí estão e que por aí virão?

Diante da situação da escola que tradicionalmente vive dificuldades na área da leitura e da escrita e considerando que o conhecimento sempre trilha novos caminhos, principalmente na área das tecnologias, o uso dos *blogs* é uma alternativa entre tantas outras, já que a escola é um espaço de leitura e escrita.

Percebe-se que o uso das tecnologias motiva os jovens. Pessoas de todas as idades e profissões escrevem *blogs* com variadas finalidades e, para garantirem credibilidade, utilizam a escrita padrão. Isso faz com que os jovens percebam a necessidade de se expressarem de forma clara e uniforme, abandonando o dialeto eletrônico tão logo amadurecem.

O *blog* favorece, por fim, a participação coletiva, formando autores, coautores, leitores assíduos e alunos mais envolvidos com a leitura e a escrita com maior liberdade de expressão, favorecendo o desenvolvimento da capacidade argumentativa e da autonomia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, VOLOSHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

FAGUNDES, Léa da Cruz; AXT, Margarete. Comunicação via rede telemática: a construção de um saber partilhado com vistas à mudança na prática educativa. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 155-159, 1992.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MOURÃO, José Augusto. *A criação assistida por computador – a ciberliteratura*. Colóquio Internacional “A Criação”, Lisboa, 2001. Disponível em: <<http://www.triplov.com/creatio/mourao.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2005.

PIMENTEL, Carmen. *Blog: da Internet à sala de aula*. 2010, 175 f. Tese de doutorado em língua portuguesa. Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.